

# AÚLA NO PICADEIRO

Da Redação

**F**m meio ao cerrado, escondidas entre o Supremo Tribunal Federal e o Setor de Clubes Sul, centenas de pessoas vivem como animais. Lá, as crianças tomam banho no mesmo lugar em que os cavalos bebem água. Com os pés descalços, pisam no chão de terra infestado de cocô de animais. A maioria desses meninos não é mais alta que a montanha de lixo trazida pelos pais nas carroças. Dali, no fim do dia, os adultos tirarão o sustento de suas famílias. Nessa invasão, conhecida como Comunidade do Cerrado da Bica, as pessoas sobrevivem da venda de papel.

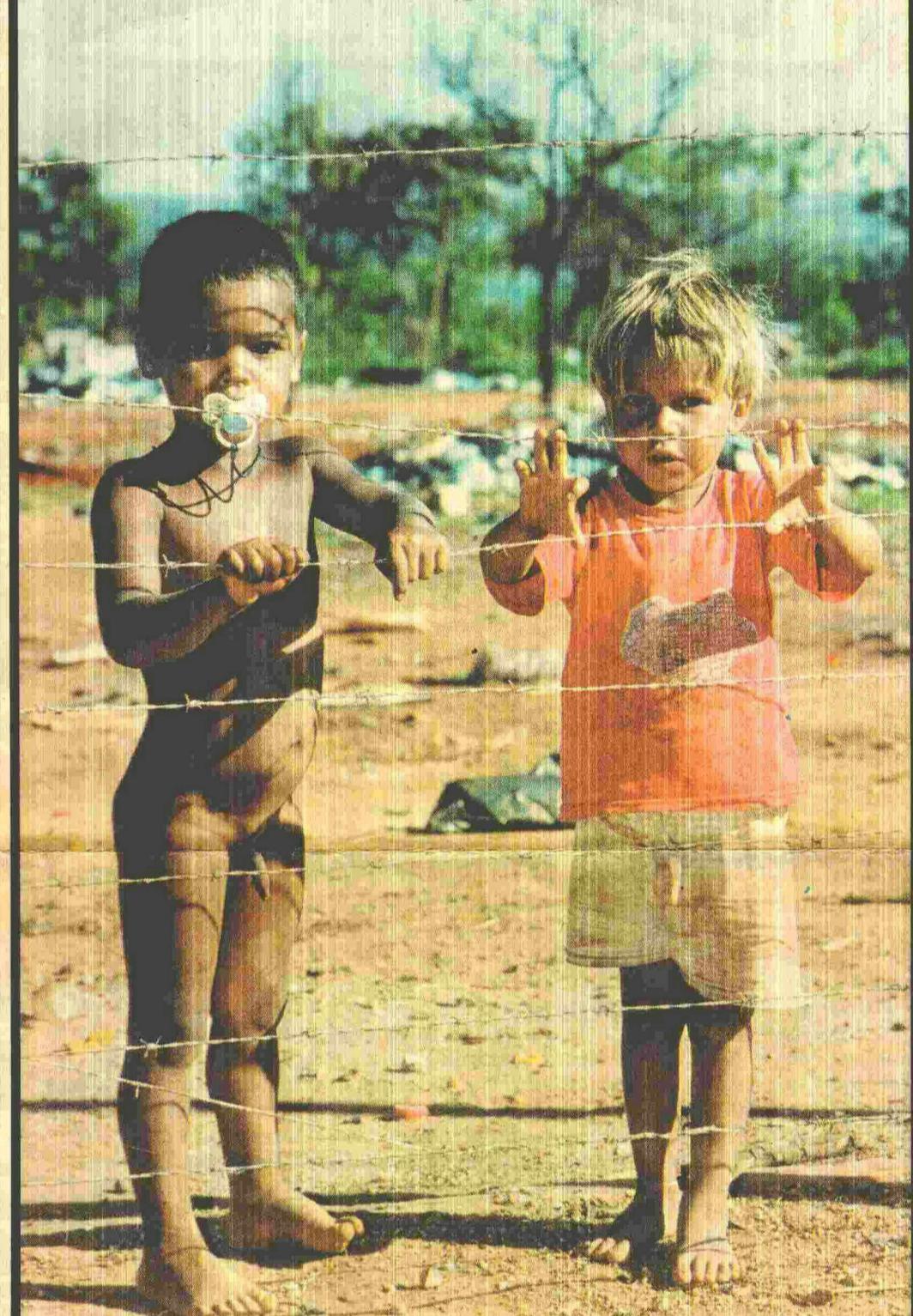
Apesar de toda a miséria que se vê, essa favela é diferente das outras. Entre as dezenas de barracos de papelão ergue-se, muito mais alta, uma colorida lona de circo. Lá, cerca de quarenta crianças — entre dois e oito anos — fazem a pré-escola. Além de aprender a escrever as primeiras letras, elas saem para passear na cidade e têm a chance de brincar com tintas e lápis de cor. No meio do picadeiro, escutam contos de fadas que acontecem em terras distantes e mágicas. Enquanto estão no circo, são tratadas como crianças. Quando saem, têm de trabalhar para ajudar o pai e a mãe.

"Mas isso já está mudando", comemora Rodrigo Garcia, professor dos meninos. "Hoje, os menores não trabalham tanto. Só ajudam a cuidar da casa e dos irmãos." Essa nova realidade se deve a um esforço feito pelos funcionários do circo-escola, que também oferece um curso de alfabetização para adultos durante a noite. "Montamos uma cooperativa de catadores de papel para os adultos e a condição para continuar aqui, ajudando eles, era que os meninos não trabalhassem", explica Rodrigo.

A proposta deu certo. Hoje, apenas uma minoria das crianças trabalha catando lixo. O restante estuda na Escola da Vila Planalto durante a manhã e, à tarde, vem para o circo. O principal objetivo do picadeiro, montado pelo Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, é despertar nas crianças o gosto pela escola. "A alfabetização é apenas um complemento do nosso trabalho", diz Rodrigo. "O importante é ensiná-las a ter higiene e noções de cidadania."

Os resultados são visíveis. Antes de ir para o circo as crianças tomam banho, se calçam e penteariam o cabelo. "Quando o circo-escola foi aberto, há mais ou menos um ano, elas chegavam imundas e não tinham a menor educação", lembra Eliena Francisca, coordenadora pedagógica do Movimento. Segundo ela, agora os alunos sabem da importância de ir à escola e consideram a aula um dos momentos mais importantes do dia.

Nehil Hamilton



AS CRIANÇAS TROCARAM AS TARDES NO MEIO DO LIXO PELAS BRINCADEIRAS E AULAS NO CIRCO-ESCOLA

**"A ALFABETIZAÇÃO É APENAS UM COMPLEMENTO DO NOSSO TRABALHO. O IMPORTANTE É ENSINÁ-LAS A TER HIGIENE E NOÇÕES DE CIDADANIA"**

**RODRIGO GARCIA**

professor do circo-escola

## MEDO DA PISTA

**A**pesar de saberem o quanto é importante deixar os filhos estudar, uma parte dos pais da invasão continua proibindo as crianças de ir à escola formal, que fica na Vila Planalto. Uns preferem vê-las trabalhando, mas a maioria tem medo de perdê-las na pista. "No ano passado uma colega minha morreu atropelada indo para a aula", lembra o franzino Johny Alvez de Souza, 11 anos, estudante da 5ª série.

Os catadores de papel pediram ao Governo do Distrito Federal uma faixa de pedestres na

pista que separa a invasão da Vila, onde fica a escola. Nunca foram atendidos. Por isso, quem

não tinha carroça para levar os

filhos na escola acabou tirando

as crianças de lá. Foi o que aconteceu com Rosinha Santos Silva,

4 anos. Ela ia a pé para o colégio com os irmãos. Agora, fica em casa ajudando a cuidar da casa.

"Mas eu vou voltar a estudar em breve", sonha.

Johny teve mais sorte. O pai,

Cícero Gomes dos Santos, leva

ele e os quatro irmãos para a es-

cola de manhã. Ao meio dia, a

mãe vai buscá-los. Sempre sor-

idente, Johny afirma que adora

estudar, porém não gosta de ir

para o colégio na Vila Planalto.

Segundo ele, os outros meninos

o tratam mal porque ele mora

na invasão. "Acho errado eles

caçarem de mim", afirma. Apesar da discriminação, ele não

esconde o local onde mora.

"Não tenho vergonha de viver

aqui. Sou filho de um homem

trabalhador e tenho orgulho

disso."

À tarde, Johny é ajudante do

"Tio Rodrigo". "Venho para o

circo brincar e aproveito para

ajudar os meninos pequenos a

ler e escrever." Rodrigo, por sua

vez, faz questão da presença dos

mais velhos no picadeiro. "As

crianças que passam a tarde co-

nosco ficam longe da rua e da

violência", explica. "Assim, a

gente evita que eles começem a

roubar, trabalhar antes do tem-

po ou se drogar."

Para os menores, o circo-es-

cola é o melhor lugar do mundo.

Lá, eles podem realmente ser

crianças, como explica a louri-

nha Cláudia da Silva, 7 anos. "Se

não estivesse aqui, tava varren-

do a casa", conta. Os pequenos

Carlos Barbosa, 4 anos, e Ronal-

do Pereira, 3 anos, ainda nem sa-

bem falar direito e já gostam de

ir para baixo da lona. Sempre

juntos, observam os amigos

maiores desenharem e, de vez

em quando, arriscam pegar num

lápis e rabiscam o mesmo papel.

A mãe de Ronaldo, Dona Maria,

reza para ele continuar gostan-

do da escola. "Com fé em Deus

meus filhos vão estudar e arru-

mar um emprego bom", afirma.

"Não quero ver meus meninos

obrigados a viver como eu, soca-

da no meio desse papelão."